

# COMO OS DOMÍNIOS DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM E DA SEMÂNTICA CONTRIBUÍRAM PARA DELIMITAR O OBJETO DA ANÁLISE DO DISCURSO

Ana ZANDWAIS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

## RESUMO

*Este estudo, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem como propósito investigar como os domínios da Semântica e da Filosofia da Linguagem determinaram a constituição da Análise do Discurso na França durante os anos 1960-1980 como uma nova disciplina. Ao analisarmos o modo como Michel Pêcheux constituiu esta disciplina nós discutimos como os outros campos de conhecimento estão implicados nesta construção epistemológica.*

## ABSTRACT

*This study developed at Federal University of Rio Grande do Sul state has the aim of investigating how the domains of Semantics and Philosophy of Language determined the constitution of Discourse Analysis in France during the years 1960-1980 as a new discipline. By analyzing the way Michel Pêcheux constituted this discipline we discuss how the other fields of knowledge are implicated in this epistemic construction.*

## PALAVRAS-CHAVE

*Análise do Discurso. Epistemologia Filosofia da Linguagem; Semântica.*

## KEY-WORDS

*Discourse Analysis. Epistemology. Philosophy of Language; Semantics.*

A Análise do Discurso, disciplina proposta por Michel Pêcheux enquanto uma área de conhecimento híbrida, cujos objetos remetem à articulação entre saberes dos campos da Ciência da Linguagem, da Sociologia, da Psicologia Social e da História emerge no cenário francês no final dos anos 60, mais precisamente após os movimentos político-sociais de 1968<sup>1</sup>. Esta disciplina, embora reivindicada por Pêcheux como um dispositivo teórico-analítico<sup>2</sup> que viria a colocar questões e desafios tanto para os domínios da História, como para as Ciências Sociais e Políticas, por introduzir em seus domínios pressupostos do materialismo histórico e dialético, e, sobretudo por redefinir as bases epistemológicas que viriam nortear os estudos da linguagem, emerge no contexto acadêmico de forma paradoxal.

Não obstante as manifestações políticas que ocorrem na França e que colocam os movimentos de intelectuais de esquerda em lugares de maior visibilidade na sociedade, a Academia resiste na defesa da produção de saberes e de práticas conservadoras; isto é, os saberes hegemônicos nos domínios da Ciência da Linguagem, conforme Françoise Gadet (1990:8), são notadamente formalistas e estruturalistas, de tal modo que a fim de introduzir uma nova área de conhecimentos e, sobretudo, não tão formal como a Linguística, tida como ciência-piloto na esfera das Ciências Humanas, não bastaria a Michel Pêcheux ser um filósofo, ele precisou colocar-se antes de tudo como um estrategista, capaz de fazer

---

<sup>1</sup> Fazemos referência, notadamente, à mobilização dos trabalhadores franceses através de uma greve geral deflagrada em 13 de maio de 1968, às manifestações dos movimentos estudantis, à organização da União Nacional dos Estudantes (UNEF) e do Sindicato de Docentes do Ensino Superior, que aliados aos trabalhadores promovem práticas políticas de resistência contrárias à política de Charles De Gaulle e que colocam a esquerda francesa em posição de ascensão no contexto político francês.

<sup>2</sup> É importante que façamos referência aos fatos de que os primeiros escritos de Michel Pêcheux intitulados “Reflexões Sobre a Situação Teórica das Ciências Sociais e Especialmente da Psicologia Social” (1966) e “Observações Para Uma Teoria Geral das Ideologias” (1967) já apresentam algumas reflexões críticas em torno das perspectivas positivistas que regulam o funcionamento das Ciências Sociais e da Psicologia. Entretanto, não encontramos nestes escritos ainda uma proposta de institucionalização de uma área de estudos capaz de articular os domínios da Ciência da Linguagem aos objetos de estudo das Ciências Sociais.

alianças com intelectuais de outras áreas<sup>3</sup> e de acolher, ao mesmo tempo, teorias já consagradas no interior da Academia.

Tais desafios já se colocam de modo instigante, segundo nossa ótica, inicialmente, através da designação que Pêcheux propõe para a nova disciplina “Análise Automática do Discurso” e que deveria remeter para o funcionamento de uma área de estudos de caráter formalista. Em segundo lugar, por meio da escolha de uma teoria gramatical de base funcionalista, a teoria distribucionalista de Zellig Harris (1973), cujas bases sintáticas funcionalistas não são questionadas à época, quer por acadêmicos franceses ou americanos.

É, portanto, a partir da aparência contraditória de uma disciplina que, pela designação parece ser de base formalista, remetendo a “práticas automatizantes” que Michel Pêcheux formula os princípios epistemológicos que darão sustentação ao perfil desta área de estudos, cuja especificidade real não coincidirá nem com o que a Linguística entenderia por formalismo, nem com pressupostos norteadores do positivismo, ainda que, durante um certo tempo, pressupostos de base funcionalista e notadamente análises lexicográficas constituam algumas referências que identificam o perfil da Análise do Discurso (AD) no contexto francês.

Nossas incursões sobre a trajetória de constituição da AD irão privilegiar questões onde a aparência não coincide com a essência. Desta forma, buscaremos caracterizar os modos como as ações políticas e as construções epistemológicas de Pêcheux conferem legitimidade à disciplina de “Análise do Discurso”.

Começemos por um texto clássico “A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas” (1990) de Michel Pêcheux e Catherine Fuchs.

---

<sup>3</sup> Cabe destacar, aqui, os papéis importantes que assumiram filósofos, psicanalistas e antropólogos como Louis Althusser, Michel Plon e Claudine Haroche na trajetória de Michel Pêcheux, mas sobretudo o modo como ele foi capaz de questionar os saberes próprios de áreas das Ciências Sociais.

Uma leitura mais acurada do texto “Formação Social, Língua, Discurso”<sup>4</sup> já nos permite observar o modo como Pêcheux e Fuchs formulam algumas críticas às posições conservadoras da Academia, conforme transcrevemos a seguir:

“...Com a melhor vontade teórica e política do mundo é difícil remover os obstáculos organizacionais e epistemológicos ligados à “balcanização” dos conhecimentos e sobretudo ao rechaço-mascaramento universitário do materialismo histórico. (1975:230)

A referência acima já nos remete para o perfil que iria delinear os estudos discursivos a partir das intervenções de Pêcheux e também para o que estamos designando com Foucault (1997) de “insurreição dos saberes submetidos”. Isto é, a retomada de saberes históricos que foram rechaçados ou mascarados em favor de sistematizações formalistas e sobretudo positivistas. Deste modo, a decisão de eleger fundamentos do materialismo histórico para constituir parte dos princípios epistemológicos que viriam a nortear os estudos pecheuxtianos contribui, sobremaneira, para o resgate de saberes desqualificados tanto pelo modo de produção dos conhecimentos na Academia – fragmentado, abstrato, apartado da sociedade – como pelas “exigências da tradição” dos estudos linguísticos.

A trajetória para a constituição de uma área de estudos como a Análise do Discurso não é, por outro lado, tão visível como parece. De um lado, Michel Pêcheux irá fundamentar-se no arcabouço teórico de Michel Foucault (1969)<sup>5</sup> para introduzir o conceito de formação discursiva, redesenhando-o à luz de fundamentos do materialismo histórico e

---

<sup>4</sup> Tomamos como referência, aqui, uma passagem na qual Pêcheux já aponta para um estranhamento entre os saberes produzidos pela Academia e os saberes a partir dos quais ele se embasa a fim de dar sustentação aos estudos de Análise do Discurso.

<sup>5</sup> Reportamo-nos à obra “L’Archeologie du Savoir. Paris, Ed. Gallimard, 1969. Para fins deste estudo, tomamos como objeto de análise a edição brasileira publicada em 2000.

dialético. De outro, irá fundamentar-se nas concepções de ‘interpelação do indivíduo em sujeito’ e de formação ideológica, de L. Althusser (1999) para tratar das condições de funcionamento da subjetividade na linguagem. O grande desafio de Pêcheux, deste modo, consistiu em construir uma identidade para o objeto discursivo, questionando, em primeiro lugar, as relações desconexas entre a linguagem e a exterioridade que a afeta, e, assim, o caráter de total autonomia da língua em relação às fronteiras com outras disciplinas e ao modo como ela pode ser pensada como objeto real do conhecimento.

Desta forma, conforme Pêcheux assinala em “Semântica e Discurso”(1988:89), “tratava-se de chamar a Linguística para fora de seus domínios, de explorá-la em proveito de uma filosofia” que seria fundamentalmente materialista, redesenhando, assim, as relações entre a sintaxe e a semântica, a partir de pressupostos filosóficos que possibilitariam caracterizar as especificidades da base linguística em relação ao objeto discursivo, a fim de poder descrever, em última instância, as condições determinantes para o funcionamento das materialidades discursivas em AD.

Começemos com uma leitura dos pressupostos filosóficos foucaultianos e althusserianos, para, a seguir, entendermos melhor como a Análise do Discurso promove uma nova configuração epistêmica à Filosofia da Linguagem.

Michel Foucault , em ‘Arqueologia do Saber’ (1987:26), ao tratar da noção de unidade discursiva para chegar ao conceito de Fd., questiona se a unidade discursiva seria homogênea e “aplicável” de modo uniforme. Para responder que a unidade material de um discurso é somente aparente, e, portanto, efeito de dispersão, Foucault(1987:43) observa que os conjuntos de enunciados que compõem as unidades discursivas construiriam uma espécie de arquitetura, articulando, ao mesmo tempo, conceitos distintos, temas conflitantes, posições assimétricas e construções linguísticas irregulares, que possibilitando o esboço de quadros de diferenças permitiriam descrever sistemas de dispersão.

Deste modo, para o autor, todo discurso estaria preso a um sistema de remissões a outros discursos e a um sistema de dispersões como um “nó em uma rede.” (id.p.26)

A possibilidade de descrição, entre um certo número de enunciados, de determinadas regularidades tais como conceitos, escolhas temáticas, modalidades enunciativas, regularidades estruturais e posições comuns é o que Foucault trata como formação discursiva (id.,p43), estando esta sujeita a determinadas regras de formação, enquanto constructos que explicitam suas condições de existência.

Das concepções apresentadas por Michel Foucault para delinear a noção de formação discursiva interessa, sobretudo, a Michel Pêcheux o conceito de dispersão, que desconstrói a idéia de que o discurso seria uma unidade homogênea sustentada unicamente por regras formais tais como coesão, coerência, progressão temática, etc. e não sujeita ao campo de acontecimentos externos e ao registro da memória histórica.

É com base, pois, em uma leitura não positivista proposta na obra de Foucault, a partir da qual há um retorno de “saberes submetidos” – os saberes históricos – que Michel Pêcheux irá redefinir seu conceito de formação discursiva, não sem enveredar também por pressupostos da teoria de Louis Althusser, sobretudo aqueles que remetem às condições materiais de existência da ideologia.

Vejamos como se constrói essa arquitetura epistemológica como um todo.

Louis Althusser em um capítulo intitulado ‘A propósito da Ideologia’ em ‘Sobre a Reprodução’ (1999)<sup>6</sup> faz referências, inicialmente, ao fato de que a expressão ideologia, segundo a tradição clássica filológica remete à combinação entre (logia) ciência, teoria e (ideo) idéias, tendo sido instituída como ciência, na França, por Destutt de Tracy e Cabanis no

---

<sup>6</sup> Parte deste livro foi publicada inicialmente, em 1971, na Revista *La Pensée* sob o título “*Ideologie et appareils idéologiques d’État*”. A compilação do conjunto de escritos de L. Althusser sobre o tema é publicada em 1995 sob o título “*Sur la Reproduction*.” e em 1999 traduzida para Língua Portuguesa.

final do século XVII<sup>7</sup>. Esta expressão, tão cara a Karl Marx, sobretudo em a ‘Ideologia Alemã’(1989), é redefinida<sup>8</sup> a partir de sua inserção na luta de classes, a fim de caracterizar as condições através da quais a ordem do real, o modo de produção das relações de produção seriam representados pelo imaginário das classes em conflito, sobretudo no terreno da história.

Este conceito, por outro lado, na mesma medida em que se alicerça nas condições concretas de existência dos sujeitos, na obra de Marx, também adquire um sentido de negatividade. Em “A Ideologia Alemã”, a ideologia pode ser compreendida como “*compêndio das ilusões através das quais os homens pensam sua própria realidade de maneira enviesada, deformada, fantasmagórica.*”<sup>9</sup> Deste modo, o tratamento da noção de ideologia, enquanto consciência falsa, equivocada, não de forma deliberada, mas a partir da produção de representações de lugares e posições de classe, no seio de um sistema capitalista, é que irá nortear os vínculos entre o vivido e a consciência.

Esta noção torna-se fundamental para nós, na medida em que é ressignificada por L. Althusser (1999), o qual formula, a partir de uma crítica de que as ideologias têm sua própria história, no seio da luta de classes, o conceito de formação ideológica, cuja essência consiste em dotar de materialidade, de modo concreto, a essência do que ele trata como ideológico. Isto é, considerando que toda ideologia tem materialidade, uma formação ideológica passa a ser compreendida, na obra de Althusser, como uma instituição, um aparelho de estado, onde as representações da experiência, dos interesses classistas, da superestrutura são construídas, simbolizadas como imaginários enquanto

<sup>7</sup> Antoine Louis Claude, Conde de Destutt de Tracy, filósofo e membro da Academia francesa, é autor da obra intitulada ‘Elementos de Ideologia (1804), onde a ideologia é trata como uma ciência propedêutica, uma espécie de materialismo psicológico..

<sup>8</sup> Cabe lembrar, aqui, que a noção de ideologia já teria sido retomada anteriormente por Hegel (1966), que lhe conferiu um estatuto metafísico, colocando a ordem do “mundo das idéias” acima da realidade concreta vivida pelos sujeitos.

<sup>9</sup> A passagem acima foi retirada de “A Ideologia Alemã (2008), que permite uma compreensão do papel que a ideologia assume na obra de Marx..

efeitos da história e não de “fantasias”, de “imagens invertidas.” Assim, a ideologia, na qualidade de sistema de representações que assegura a “manutenção dos sujeitos nos lugares determinados pelas relações de dominação” passa a ser entendida como efeito real da própria história. É a partir desta reconfiguração do conceito que Althusser (1999:198) irá tratar também das relações concretas entre as condições de existência dos homens e das formas através das quais estes se reconhecem como sujeitos no seio das relações de desigualdade entre as classes. Ou seja, Althusser trata do processo de interpelação dos indivíduos como sujeitos que se reconhecem “livremente” e se identificam uns aos outros por meio das ideologias. É, pois, essa condição de assujeitamento livremente consentido, portanto, que irá determinar que o sujeito se identifique e frequente esta ou aquela instituição como a igreja, o Partido, a escola, o exército, o clube, etc...

Michel Pêcheux (1975), por seu turno, partindo, inicialmente, das reflexões propostas por Althusser em torno do fato de que a ideologia não poderia estar simplesmente situada na condição de “expressão objetiva da base econômica” (id.,p.231) reitera as considerações de seu mestre observando que o próprio modo de interpelação do indivíduo como sujeito precisa, para ser compreendido, remeter às ideologias jurídico-políticas e seus modos de produção e funcionamento no âmbito dos aparelhos ideológicos de Estado. Assim, o que corresponderia ao imaginário de um proletário, um patriota, um militante partidário ou um herói, por exemplo, precisa sempre ser compreendido com base no funcionamento dos aparelhos ideológicos, entendidos como espaços concretos de realização das formações ideológicas e, portanto, espaços onde as práticas sociais adquirem um simbolismo coletivo, enquanto formas de representação de posições de classe.

Pêcheux, entretanto, reinterpreta a teoria althusseriana, e é justamente por meio de uma releitura desta teoria que ele irá definir a arquitetura da área de Análise do Discurso.



Em primeiro lugar, tece críticas ao modo como Althusser descreve as condições de funcionamento dos aparelhos ideológicos, observando que estes não são simplesmente o lugar da reprodução-subordinação das/às relações de produção, mas antes uma espécie de “palco” onde convivem, de modo permanente as correlações de força entre os interesses de classe, promovendo, assim, de forma contraditória, tanto a reprodução como a transformação das relações de produção. A partir desta análise, portanto, M. Pêcheux desaloja a própria concepção de formação ideológica de L. Althusser de um determinismo estático, expondo-a, em seus limites, à intervenção de um dos fundamentos da filosofia marxista: o materialismo dialético. Deste modo, a caracterização concreta das formações ideológicas passa a ser investigada com base nas relações contraditórias e nas correlações de força que presidem o funcionamento das instituições que se constituem em “palco permanente” para as diferenças representativas dos interesses de classe.

A segunda intervenção, que se torna fundamental para os estudos da linguagem, segundo nossa ótica, diz respeito ao modo como Pêcheux introduz o conceito de formação discursiva, caracterizando o discurso enquanto um dos aspectos materiais que o trabalho ideológico assume. Ou seja, entendendo que a prática discursiva, ao engendrar a ordem do simbólico, congregando a estrutura – a língua - o sentido e a história em seu funcionamento, possibilita “traduzir” os modos através dos quais as práticas sociais representativas de posições, de lugares que os sujeitos ocupam nas relações de produção adquirem expressão e sentido, Pêcheux articula esta noção a de formação ideológica, colocando-as sob a dependência de determinadas condições de produção, que são históricas. É, pois, desta forma que o filósofo marxista remete os domínios dos estudos da linguagem a um “retorno de saberes submetidos”: o das relações entre discurso e história.

A opacidade das correlações de força que permeiam o modo de divisão classista da sociedade, desta forma, deixa de ser intangível de modo que se pode investiga-la, ao mesmo tempo, por suas práticas, seus ritos, suas materialidades não verbais, como por suas materialidades discursivas, tanto a partir do dispositivo do arquivo, como na emergência dos acontecimentos enunciativos.<sup>10</sup>

Cabe observar, por outro lado, que ao constituir o perfil da Análise do Discurso como uma área de estudos que se produz a partir da intervenção de pressupostos filosóficos de base materialista sobre as condições de funcionamento dos processos de enunciação, da base linguística e, por fim, do objeto discursivo, tomado sobretudo como processo e não como produto de atos de enunciação ou da combinação de um número determinado de enunciados que o compõem, M. Pêcheux questiona também as condições de funcionamento do componente semântico, considerando que, mesmo dentro do contexto marxista, pode-se identificar um mascaramento/apagamento do papel dos estudos semânticos.

No texto ‘Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio’ (1988:12) M. Pêcheux observa que os estudos semânticos, embora tenham seu espaço institucional garantido a partir do séc. XIX<sup>11</sup>, remontam tanto às preocupações mais antigas dos filósofos, filólogos e gramáticos, como por exemplo, às investigações desenvolvidas sobre as relações entre os nomes e as coisas nos diálogos de Crátilo<sup>12</sup>, aos estudos lógicos apresentados no *Organon*, às investigações feitas por Arnault e Lancelot, no séc. XVII, na Gramática de Port Royal, como aos estudos de lógica formal desenvolvidos, sobretudo, por Peter Strawson (1982),

---

<sup>10</sup> Conforme M. Pêcheux propõe em ‘Discurso: estrutura ou acontecimento’ (1990), o acontecimento pode ser entendido como um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória que possibilita uma re-simbolização do já vivido, já significado.

<sup>11</sup> Fazemos referência ao texto clássico *Éssai de Sémantique: science des significations* que data de 1897.

<sup>12</sup> Cabe lembrar, antes de tudo, que a Semântica é uma ciência instituída na Grécia e que se desenvolve em meio aos estudos lógico-filosóficos presentes nos diálogos de Crátilo sobre o “gênero lógico ou a justeza dos nomes” (2001), bem como nos ‘Analíticos anteriores e posteriores’ que compõem a obra aristotélica. (1987)

Donald Davidson (1982) em torno das relações entre significado e verdade e por Yeoshua Bar-Hilel (1982) e Robert Stalnaker (1982) acerca da natureza dos pronomes e do funcionamento das expressões indiciais nos âmbitos do tratamento de uma lógica por condições de verdade e da especificação de regras e dos traços semânticos que identificam o conteúdo proposicional das sentenças.

No âmbito dos estudos marxistas, o autor faz referências às repressões tanto políticas como científicas do regime stalinista (id.,p15) que desencadearam uma crise nos movimentos intelectuais socialistas internacionais, inclusive no “oeste,” e cujas sequelas podem ser observadas também nos domínios específicos dos estudos da linguagem tanto no “Leste” quanto no “Oeste”.

Pêcheux (1988) irá dar ênfase ao processo de dissociação das relações entre os estudos linguísticos e semióticos/semânticos sobretudo no Leste europeu, observando que tanto as obras que desenvolveram reflexões sobre o funcionamento dos sentidos, como aquelas que deram ênfase a pressupostos marxistas de linguagem não reconhecidos pelo regime de Stalin, por exemplo, foram denegadas e caíram no desconhecimento dos intelectuais do Leste<sup>13</sup> e do Oeste. Deste modo, segundo Pêcheux (id.,p.16) é somente durante a década de 1960 que o filósofo polonês Adam Schaff irá empreender uma ‘reconciliação’ entre semântica e marxismo através da publicação do texto “Introdução à Semântica”<sup>14</sup>, na qual Schaff dá destaque aos diferentes campos de aplicação da Semântica, tais como para o desenvolvimento de estudos de sintaxe lógica, para a construção de dispositivos de tradução, para o aprofundamento de estudos sobre retórica e sobre propaganda política, negligenciados durante a hegemonia do nacionalismo no regime stalinista. No entanto, conforme Pêcheux (id.,p.19) Adam Schaff comete alguns equívocos que

---

<sup>13</sup> Reportamo-nos, notadamente, à obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, lançada em 1929 e cujo conteúdo ficou desconhecido da grande maioria dos intelectuais soviéticos e do “Leste” em geral durante mais de quatro décadas.

<sup>14</sup> A tradução deste livro para Língua Portuguesa data de 1968.

não poderiam passar em branco tais como: a) tratar a semântica apenas como um ramo da Linguística sem questionar os próprios limites da Ciência da Linguagem; b) reduzir a complexidade do funcionamento da linguagem à “função comunicativa”, justificando suas escolhas teóricas com base na leitura de “A Ideologia Alemã”.

É, pois, a partir de questionamentos tanto em torno da “naturalização de uma concepção de língua”, tomada como unidade indivisível e não sujeita à divisão, às estratificações de seus falantes, como de questionamentos acerca da sobredeterminação da função comunicativa da língua em detrimento da caracterização de seu funcionamento empírico desprovido de transparência que Pêcheux irá explorar o funcionamento semântico do objeto discursivo de modo também dialético. Ou seja, ao opor a base linguística aos processos discursivos, configurando por um lado, as estruturas formais (morfológicas, sintáticas) e por outro, o funcionamento de tais estruturas tomado em suas condições de produção e na contingência dos acontecimentos que afetam os sujeitos, e, portanto, a linguagem em seu funcionamento concreto, é que Pêcheux irá caracterizar os sentidos como efeitos da inscrição da ordem simbólica (a língua) tanto na ordem histórica como nas contingências em que a memória elabora processos de síntese entre o já vivido e a atualidade, re-elaborando, colocando em xeque, portanto, a própria fixidez da condição do sentido como efeito de convergências entre diferentes ordens de materialidades.

É desde esta ótica, portanto, que o tratamento dos sentidos deixa de ser regulado quer por relações propostas entre argumentos e predicados, em termos de análise factual<sup>15</sup>, ou pela descrição do conteúdo proposicional dos enunciados, distanciando-se das condutas investigativas que traduzem o universo semântico da linguagem como um universo logicamente estabilizado.

---

<sup>15</sup> Fazemos referências aos pressupostos de uma lógica por condições de verdade.

Afastando-se, assim, do tratamento que a Ciência da Linguagem dispensa às questões de ordem semântica, Pêcheux (1990) passa a considerar a intervenção dos fatos históricos e das contingências dos acontecimentos como espécies de “semáforos” que regulam a memória discursiva, ao mesmo tempo em que possibilitam a “imersão dos enunciados em redes associativas envolvendo paráfrases, reiteraões, reformulações, implicações, rupturas, de tal modo que o sentido passa a funcionar, na relação dialética entre base linguística e processo discursivo, a partir dos arranjos que se pode produzir entre as evocações dos acontecimentos sócio-históricos e as formas através das quais estes são discursivizados e se configuram como efeitos que podem ser apreendidos através da materialidade da língua. Deste modo, as ligações entre estruturas léxicas e sintáticas, constituindo proposições de aparência logicamente estável, conforme Pêcheux (1990:28), não remetem à “essência” dos sentidos, é preciso relaciona-las, de forma perpendicular, aos acontecimentos que se discursivizam e inscrevê-las – as estruturas – na heterogeneidade do real, onde não há coincidências entre forma e sentido, nem controle pleno sobre os efeitos do dizer ou da escritura. Eis porque a única condição real, isto é, o real entendido como impossível de ser outro, o real do discurso, é a sua condição de opacidade, de tal modo que a própria complexidade da hibridez deste objeto é que baliza as relações de entrecruzamento entre as formas linguísticas, que são empiricamente observáveis, e as relações externas que determinam o modo como o real é simbolizado pelo sujeito enquanto efeito da maneira pela qual ele apreende as condições de funcionamento do simbólico imerso na história.

É, por fim, a partir de rupturas com as filosofias de base fenomenológica que restringem o tratamento das formas de simbolização da realidade a fatos de “consciência interior”, à subjetividade individual, e com as bases epistemológicas positivistas que conferem total autonomia ao objeto linguístico, estando este “na origem” das formas de apreensão dos conteúdos semânticos da realidade, que Michel Pêcheux irá constituir

a arquitetura do objeto discursivo, dotado de múltiplas materialidades – social, histórica, linguística, de modo a tornar-se um objeto heterogêneo em relação às suas próprias condições de produção.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira.

ARISTÓTELES. **Organon**. Lisboa, Ed. Guimarães, 1987. Trad. Pinharanda Gomes.

ARNAULD, A, LANCELOT. **Gramática de Port-Royal ou gramática geral e razoada**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992. Trad. Bruno F. Basseto, Henrique G. Murachco.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo, Ed. Hucitec, 1986. Trad. LAHUD, Michel, VIEIRA, Yara F.

BAR-HILEL, Yeoshua. **Expressões indiciais**. In: DASCAL, Marcel (org.) **Fundamentos metodológicos da linguística: pragmática**, v. IV, Campinas, , 1982.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica**. Ciência das significações. Campinas, Ed. Pontes, 1992. Trad. Aída Ferras et al.

DAVIDSON, Donald. **Verdade e significado**. In: **Fundamentos metodológicos da linguística**. Semântica., DASCAL, M. (org), v. III, Campinas, 1982.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 2000. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves.

HAROCHE, Claudine. **Fazer dizer, querer dizer**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1992. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi.

HARRIS, Z. **Les deux systèmes de la grammaire**: prédicat et paraphrase. *Langages*, nº 29, Paris, Ed. Didier-Larousse, 1973. p.55-81.

HEGEL, G.W. **Fenomenologia del espírito**. México/Buenos Aires, Ed. FCE, 1966. Trad. W. Roces.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita**. Língua, sujeito e discurso. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. Trad. Maria Fausta P. de Castro.

MARX, Karl, ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008. Trad. Luis Cláudio de Castro e Costa.

PLATÃO. **Diálogos**: Teeteto-Crátilo. Belém, Ed. Universidade Federal do Pará, 2001. Trad. Benedito Nunes.

PÊCHEUX, Michel, FUCHS, Catherine. **A propósito da análise automática do discurso**: atualização e perspectivas (1975). In: **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Ed. da Unicamp, 1990. Trad. Eni P. Orlandi et al.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, Ed. da Unicamp, 1988. Trad. Eni P. Orlandi et al.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Ed. Pontes, 1990. Trad. Eni P. Orlandi.

SCHAFF, Adam. **Introdução à semântica**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968. Trad. Célia Neves.

STALIN, J.V. **O marxismo e os problemas de linguística.** In: **Cadernos 10.** Porto Alegre, 1997. Trad. Marcelo Oliveira Pereira

STALNAKER, Robert. C. In: **Fundamentos metodológicos da linguística.** Pragmática. DASCAL, M. (org.) v. IV, Campinas, 1982. Trad.

STRAWSON, Peter. **Significado e verdade.** In: **Fundamentos metodológicos da linguística.** Semântica. DASCAL, M. (org.) v. III, Campinas, 1982. Trad. Doroti Senday.

ZANDWAIS, Ana. **Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França:** uma retomada de percurso. Santa Maria, Ed. PPGL-UFSM, 2009.